

Meu caro Milton, acaba de chegar o artigo do Victor Rego sôbre a senhora nua de 26/11, (ótimo), e o artigo sobre os cursilhos, (melhor ainda). Pelo visto, minha carta do dia 23/10, na qual trato dos mesmos problemas, não lhe alcançou. Por favor, mostre esta carta ao Victor, dê meus abraços, e reclame o dinheiro que me devem.

Acabamos de assistir "Clockwork Orange" de Kubrick, fita que não será mostrada no Brasil, pelo que soube. Trata-se de science-fiction para o ano 1980. O assassinato gratuito, motivado em parte por droga leitosa chamada "molokó ótchenh kharachó", tornou-se hábito nos EEUU. As pessoas vivem em apartamentos-fortaleza, mas são assaltadas, bárbaramente torturadas e massacradas não obstante, por bandos uniformizados à la nazismo, que viajam em carros supervelozes, e se combatem mutuamente. Um líder de bando de 14 anos de idade é preso e submetido a tratamento subliminar, graças a filmes sôbre o nazismo e música de fundo, (nona sinfonia), e muda de personalidade. A agressividade é breçada por bondade crista ao nível da reação pavloviana. O cientista e sua assistente são de eficiência perfeita e higiene inpecável, e de nível intelectual infantil, beirando o cretino. O paciente sai e passa a ser vítima de barbaridades cometidas pelas suas vítimas anteriores. É levado ao suicídio por métodos de psicologia profunda, (uma junguiana o faz pular da janela), mas é salvo. O governo o transforma em herói nacional, e ao mesmo tempo ele sara, re-adquirindo sua primitiva personalidade de assassino ingênuo e torturador puro. Reassume sua carreira política assassina dizendo: "okydoke, malchik". A Edith chorou desesperadamente ao sair do cinema.

Eis como vejo a coisa de cima para baixo: três blocos-colosso, (USA, Europa dos 9 e USSR), rolam em direção da vitória tecnológica, e um quarto, (Japão-China), prepara-se para aproveitar qualquer brecha entre eles. O resto do mundo fica eliminado do processo histórico, parcialmente aproveitado pelos blocos enquanto mercado de trabalhadores e enquanto campo de aplicação de capital, e parcialmente servindo de campo de batalha inócuo e proveitoso. Nos três blocos a motivação econômica vai sossegando a justiça social vai se estabelecendo, e a cultura de massa vai se firmando. Toda contestação vai se tornando impossível, e vai se esvaziando. A agressividade vai se despolitizando, e assume estruturas tribais paranasitas com ideologia ao nível do sexo. Por cima disto paira um cientifismo eficiente que consegue absorver as tribus assassinas dentro do estabelecimento e fazer com que tais assassinatos venham a reforçar o consumo crescente. A realidade concreta é substituída em toda parte pela realidade dos mass media, e a violência se dá em função da TV e das revistas ilustradas. A própria ciência contribui para a re-mitização e re-primitivação da sociedade pela crescente perfeição dos canais de massa. O nível intelectual, moral e estético, (inclusive da elite científica), baixa para o denominador comum mais baixo. A grande maioria, (a silenciosa), se torna sempre mais reacionária, porque vive aterrorizada não da politicamente, mas dos próprios filhos. E estes estão abandonando a cultura do Ocidente. As ideologias estabelecidas, (principalmente a marxista e a Igreja), não conseguem adaptar-se à nova situação, e abandonam a história aos cientistas. E estes se transformam em meros instrumentos do aparelho trans-humano. O Victor Rego tem razão: não é a guerra do Vietnam, (anacrônica), que interessa. É a senhora Kennedy nua, porque é ela o "espírito do tempo". Isto nos três blocos. No terceiro mundo continuam sendo nutridas as ideologias ultrapassadas, em proveito dos blocos, e lá a alienação é de outra ordem. E no Oriente quem sabe o que estará acontecendo?

Visão escatológica e apocalíptica? Mas há esperança. Há outro tipo de juventude, (talvez inteiramente novo), que busca novas formas de vida, (especialmente na Europa). Estão dando duro, especialmente no campo das artes. Não são otimistas, mas agem não obstante. Deus queira.

Abraços.

São Paulo, 21 de dezembro 1972

25
a

Meu caro Flusser e ~~Dr.~~ Edith

Esta carta é de Natal. Leva abraços e desejos inenunciáveis de bom estar e alegria e muita saudade; pois desde que vocês se foram esta cidade está vazia. Hoje senti a sua ausência Flusser quando um meu aluno - no qual nunca reparei - veio falar-me de aulas suas e se seus bons discursos a meu respeito. O pobre rapaz deve ter tido uma decepção, pois que não se aguentou de tal maneira o meu palco que não deve ter encontrado em mim nada do que esperava. Entretanto, senti nos planos dele a sua amizade e, por isso, fico-lhe grato.

Feliz Natal, portanto, e muita alegria por aí onde o Natal deve ser bem mais Natal do que por aqui.

Deve ter havido um overlap de um meu bilhete sobre uma minha longa carta. Pois a sua carta do dia 5 parece-me mais a respeito do bilhete que à longa carta. Sinceramente sua carta inquietou-me. Não foi causa do "Clockwork Orange" que foi essa carne de porco e que não precisa ser mostrada no Brasil, pois, por São Paulo já vive aquele clima (considerando o necessário exagero da obra de arte). Nem me afligiu o seu final ingenuo de esperança na juventude. Nas devotichas e nos multidiques não me afligiu a sua visão dos três blocos - colosso; foi que sei que o que há de vir é imprescindível. Envio-lhe uma outra visão que está mais de acordo com o que vi nos minhas viagens: - Um bloco de automatizados governados por super-cérebros: (U.S.S.R. - China - Japão); um bloco de decadentistas - portanto capazes da heterogeneidade; do mais rico ao mais pobre; do mais infeliz ao mais feliz; do mais imbecil ao mais genial; da grande metrópole ao deserto (As duas Américas) e, no meio deles, o Jardim das Delícias: a Colônia de Férias; o De-luxe Ca-xambri - refúgio da inteligência e dos "blases" (a Europa) onde jamais haverá

25
violência ou paz perpetuas. Mas de onde sempre saíram as ideias
para seguir os dois outros blocos.

Afligiu-me, sim, o tom da tua carta. Tão me
trouxe a lembrança de alguns momentos em que
os problemas te assaltavam e você se debatia
com eles como se eles fossem externos a você. Procure
os seus problemas. Flussei uma apolítica visã do
mundo, nem muito até compensatoria de violência
(você bem o diz que ela não é mais do que a dose
necessária de insolito e violento que o cidadão
equivocado precisa para melhor ensinar no dia
seguinte). Nem se pesa aqui em palvar a Europa.
Tão se palvara fu si mesma, com você ou sem
você. Os seus problemas são seus. Incorpore-os
em si mesmo. Incorpore e resolva-os. Engula-os
e digija-os, eles são seus (Não sei se me enganar, mas,
a tua carta me fez sentir isto).

Abraços e saudades para você dois, do

amigo Milton.

Retratos de uma senhora nua

VICTOR DA CUNHA REGO

Este jornal publicou ontem dez notícias na primeira página. Seis delas diziam o seguinte em resumo:

1) Uma revista italiana estampou dez páginas de fotos de Jacqueline Onassis nua.

2) Um "all american boy" matou os pais para experimentar a sensação de matar.

3) No centro de Roma foram formadas sete "ilhas" de trânsito. De uma para a outra não poderão circular automóveis.

4) Os norte-americanos projetam a construção de aeroportos nos lagos e oceanos para fugirem à poluição acústica.

5) Houve uma grave rebelião de soldados de Hanoi e vietcongs contra os termos de um provável acordo de paz com Washington e Saigon.

6) Os delegados comunistas à conferência de paz de Paris voltaram a acusar os EUA de não pretenderem, realmente, fazer a paz na Indochina.

A manchete foi — como literalmente não poderia deixar de ser — sobre o Vietnã.

O puritanismo jornalístico recomendaria que não se juntasse a tão grave e dramática notícia a nudez de uma vedete do "jet society". E na verdade foi uma decisão dura de roer a de juntar aos corpos caídos no Vietnã o corpo da sra. Onassis. Mas foi uma decisão pensada e correta: a realidade não pode nem deve ser escondida.

E a realidade diz-nos que, no mesmo dia em que se soube de mais uma tragédia de sangue, revolta e tortura vietnamitas, sucedia:

1) Uma revista pagava a fabulosa soma de 500 mil cruzeiros por algumas fotos da sra. Jacqueline Onassis sem roupa.

2) Um jovem, cantor do côro da Igreja de uma pequena cidade dos EUA, ótimo estudante e projeto de cidadão-modelo, matava, a sangue frio, seus pais reeditando o crime gratuito de Chicago. Fica assim provado que Gide foi o grande profeta da nossa época. Lofcadio jogando para fora do trem um casal companheiro de viagem (só para "saber como era") é o "herói" dos nossos tempos. Exagero? Uma popular novela cabocla da TV tem como personagem de r. vivo um jovem paranoico (e

vagabundo) que só pensa e fala em "crime gratuito".

3) No país que tem como empresa privada mais poderosa uma fábrica de automóveis, a direção do trânsito da capital viu-se obrigada a confinar os carros em "ilhas". A alternativa é o caos social.

4) Os aviões transportam o homem a velocidades incríveis. Mas no mais moderno dos países projetam-se aeroportos a centenas de quilômetros das cidades. Hoje mesmo vai-se de Paris ao aeroporto de Londres em 30 minutos, de jato. E depois gastam-se 50 minutos para chegar à cidade. Segundo tudo indica, dentro em breve levar-se-á menos tempo no voo Nova York-Chicago do que do futuro aeródromo no Lago Michigan até ao centro da metropole.

Esse "vaudeville" do real cotidiano em que as cenas de "dolce vita" se alternam com grandes massacres, "pequenos assassinatos" e aberrações tecnológicas vai assumindo um cariz apocalíptico para o homem comum.

Mas o homem comum pode sossegar. Não está próximo o juízo final. A humanidade já passou por tranfes parecidos. Recordado, por exemplo, a epigrafe dos Irmãos Karamazov fica-se sabendo que o grão de trigo deve morrer para frutificar e que o homem deverá "pecar" mergulhando nos abismos antes de guindar-se às alturas — fugazes é certo — da serenidade.

O único risco que se corre é o de uma reação ou de uma revolução violentas. Pelo que se vê, a primeira hipótese é a mais próxima. O Papa voltou a falar do Diabo e é de prever nova arrancada contra as heresias, talvez com nova inquisição. Nixon foi aclamado pelo voto. O próximo homem forte em Washington deverá ser o texano John Connally, talvez o mais duro e frio de todos os políticos norte-americanos. Do lado comunista, Trotsky morreu há muito e Lin Piao há pouco.

Os "duros" de Hanoi, os homens de Le Duan poderiam, talvez, fazer vergar a Casa Branca mas não poderão derrotar Moscou e Pequim. Eis a questão.

As contradições estão explodindo mas como a reação é experiente, a lava do vulcão está sendo convenientemente orientada.